

O TEMA DA MALDADE NA TRILOGIA ESPACIAL DE C. S. LEWIS

THE THEME OF EVIL IN C. S. LEWIS'S SPACE TRILOGY

Arthur Barboza Ferreira¹

Resumo: Entre 1938 e 1945, C. S. Lewis publica os três romances constituintes de sua chamada *Space Trilogy* ou *Trilogia Espacial*. São eles *Out of the Silent Planet*, *Perelandra* e *That Hideous Strength*. Um dos temas centrais da *Trilogia* é o tema da maldade. Quando examinada cuidadosamente, a maldade se afigura multifacetada e complexa. Este artigo tenciona descrevê-la, em parte à luz da intertextualidade estabelecida na *Trilogia* com *The War of the Worlds* (*Guerra dos Mundos*) de H. G. Wells e com passagens específicas de *Gênesis* e *Salmos* (Lewis é um escritor cristão); e à luz dos contrastes da *Trilogia* com o romance *A Wrinkle in Time* (*Uma Dobra no Tempo*) de Madeleine L'Engle. O presente artigo adota uma abordagem que oscila entre intertextualidade e literatura comparada, apontando ora semelhanças entre obras (intertextualidade), ora diferenças (literatura comparada). Conclui-se que a maldade na *Trilogia* pode ser relacionada a uma visão de mundo caracterizada por certa concepção de tempo linear; e à noção darwiniana de luta pela vida (presente no romance de Wells); que a maldade também pode ser relacionada ao mito bíblico da Queda; e que a maldade se manifesta recorrentemente na obra de Lewis através de violência física, especialmente a animais; e que ela é irreversível e irremediável.

Palavras-chave: C. S. Lewis, *Trilogia Espacial*, maldade, intertextualidade, H. G. Wells.

Abstract: Between 1938 and 1945, C. S. Lewis publishes the three novels constitutive of his "*Space Trilogy*." These novels are *Out of the Silent Planet*, *Perelandra* and *That Hideous Strength*. One of the central themes of the *Trilogy* is the theme of evil. When closely examined, evil appears to be both multifaceted and complex. This article intends to describe this "evil," partially in the light of intertextuality established in the *Trilogy* regarding *The War of the Worlds* by H. G. Wells and regarding specific passages in *Genesis* and *Psalms* (Lewis is a Christian writer); and in the light of the *Trilogy's* contrasts with the novel *A Wrinkle in Time* by Madeleine L'Engle. This article adopts an approach that oscillates between intertextuality and comparative literature, sometimes pointing out similarities between works (intertextuality), and sometimes differences (comparative literature). The conclusion is a) evil in the *Trilogy* can be related to a worldview characterized by a certain conception of linear time; and by the darwinian notion of struggle for life (present in Wells's novel); b) evil can also be related to the biblical myth of the Fall; c) evil manifests in Lewis's work through violence, especially against animals; d) evil is irreversible and irremediable.

Keywords: C. S. Lewis, *Space Trilogy*, evil, intertextuality, H. G. Wells.

¹ Mestre em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás; área de concentração Estudos Literários.

1. Introdução

Prolífico romancista de língua inglesa, C. S. Lewis (1898-1963) publica, entre 1938 e 1945, os três romances que constituem sua chamada *Space Trilogy* ou *Trilogia Espacial*: *Out of the Silent Planet* (*Além do Planeta Silencioso*), publicado em 1938, *Perelandra*, publicado em 1943 e *That Hideous Strength* (*Uma Força Medonha*), publicado em 1945.²

O presente artigo visa refletir sobre esses três romances e a abordagem que oscila entre intertextualidade e literatura comparada, apontando semelhanças entre obras (intertextualidade) e diferenças (literatura comparada).

2. A Trilogia

Out of The Silent Planet, o primeiro livro da *Trilogia*, conta a aventura involuntária do filólogo Ransom para Marte (ou “Malacandra”), levado para lá à força pelo cientista Weston e pelo capitalista Devine, dois homens interessados em colonizar o planeta vermelho. A ideia de Weston e Devine é levar Ransom para servir de sacrifício aos marcianos, supostamente interessados em devorar humanos. Assim, segundo seu plano, eles angariariam permissão dos alienígenas para conhecer melhor o planeta vermelho. No planeta, contudo, Ransom consegue fugir do cativeiro imposto por Weston e Devine e corre para longe do suposto sacrifício que lhe espera. Após seus primeiros contatos com uma forma de vida semiovente extraterrestre, Ransom percebe que ela possui uma fala articulada, uma língua. Paulatinamente, Ransom aprende sua língua; e, eventualmente, percebe não só haver vida inteligente fora da Terra, mas que são justamente os terráqueos, e não os marcianos, os seres violentos e degenerados habitando o sistema solar. Em sua condição de filólogo e professor universitário, Ransom põe-se a aprender as línguas faladas pelos marcianos. No entanto, após Weston e Devine serem impedidos em seus desígnios violentos, fica claro que está na hora de os três terráqueos voltarem ao seu planeta de origem. Piedosamente poupados pelos marcianos encabeçados pela sábia figura de Oyarsa, os três terráqueos recebem permissão e recursos para voltar para seu mundo natal.

O segundo livro da trilogia conta uma nova aventura vivida pelo filólogo Ransom. Após ter voltado de Marte, ou “Malacandra”, e ter aprendido a “língua solar” com os

² Há tradução desses três livros para o português. (Cf. LEWIS 2010, 2011, 2012.)

habitantes do planeta, Ransom é convocado por criaturas conhecidas como *eldila* para uma aventura a Vênus, ou “Perelandra”, para cumprir a tarefa de defender o rei e a rainha residentes ali. A rainha é alvo das intenções e corrupções de um Weston possesso, que é combatido por Ransom espiritual e fisicamente.

O terceiro livro da trilogia muda as convenções até então estabelecidas. Adotando como espaço da narrativa a Terra, o romance apresenta desta vez uma miríade de personagens, focando, sobretudo, na primeira metade da narrativa, em Jane e Mark, dois jovens recentemente casados. Mark consegue um emprego numa instituição chamada “NICE” – National Institute of Coordinated Experiments ou, em português, “INEC” – Instituto Nacional de Experimentos Coordenados, cujos objetivos e procedimentos são suspeitos e pouco convencionais. A INEC dispõe, por exemplo, de uma polícia própria e aparenta objetivar dominação mundial, conquistando influência sobre a mídia de notícias e sobre a opinião pública. Jane, por seu turno, tem o dom da clarividência, e eventualmente torna-se membro dos Logres, encabeçados por Ransom, grupo opositor à INEC. A INEC busca ampliar seus poderes tentando liberar o antigo mago Merlin de seu descanso secular. Quando o mago é levado à instituição, ele logo trata de fugir e passa para o outro lado, o dos Logres. Sucede a isso uma batalha entre esses dois polos antagônicos. O romance sugere que há forças medonhas conduzindo a humanidade, e que elas podem e devem ser combatidas. Às medonhas forças do universo se opõem poderes de boa natureza, como a clarividência de Jane, os feitiços de Merlin e a sabedoria interplanetária de Ransom.

3. A análise da Trilogia

A leitura dos três romances sugere que, ao menos à época da publicação do primeiro dos três livros, Lewis não pretendia escrever uma trilogia, uma vez que cada livro apresenta projetos bem díspares. Por exemplo, o primeiro livro usa o *leitmotiv* da viagem espacial da ficção científica e formula uma resposta a *War of the Worlds* (1898) de H. G. Wells, pintando, diferentemente de Wells, marcianos benevolentes ao invés de beligerantes; o segundo livro, por sua vez, constrói uma alegoria, remetendo ao episódio bíblico da Queda, em *Gênesis* (cap. 3); já o terceiro livro assume um ar distópico, absorvendo também mitos medievais, como o do rei Artur e do mago Merlin. Contudo, apesar das inegáveis diferenças entre as três obras, elas funcionam bem enquanto uma

unidade, não só porque o protagonista Ransom está presente em todas elas, mas porque alguns temas as perpassam. Um desses temas é a maldade.

À primeira vista, o fenômeno da maldade ao longo da *Trilogia* pode aparentar-se redutível a um esquema opositor de duas forças, “forças do bem” e “forças do mal”. No entanto, o fenômeno é mais complexo, apresentando várias facetas. Ao se considerar o primeiro livro da *Trilogia*, *Além do planeta silencioso*, a maldade aparenta manifestar-se na “dupla” Weston-Devine. Não obstante, esses dois homens, conquanto compartilhem o interesse comum no desenvolvimento prático de viagens espaciais, mostram ter atritos entre si e uma certa falta de camaradagem. Eles se comportam mais como cúmplices de crime ou acólitos do que como amigos ou semelhantes, formando um partido pouco harmônico. Mesmo fisicamente, os dois homens não se assemelham. Quando Ransom topa pela primeira vez com a dupla, no capítulo 1, o narrador em terceira pessoa contrasta Weston, sujeito alto e corpulento, com Devine, indivíduo mais esguio e de menor estatura. O narrador também nota que a voz de Weston possuía “todas as qualidades que tão pesarosamente a Ransom lhe faltavam” (LEWIS, 2003a [1938], p. 14)³. Weston, então, é o mais forte e viril da dupla, mais forte que Devine, fazendo Ransom invejá-lo. Weston parece possuir também, pelas palavras do narrador, uma voz grave, profunda e vigorosa, que o destaca dos demais homens.

O contraste entre Weston e Devine se aprofunda ainda mais no tocante a seus ofícios e suas condutas um diante do outro. Weston é um importante físico, é “o” Weston, como diz Devine a Ransom no mesmo capítulo, ao lhe apresentar o ilustre cientista. Quando Devine apresenta, em seguida, seu velho conhecido Ransom a Weston, este interrompe as palavras do “colega” e expressa, com mau-humor, que não quer saber nada sobre o sujeito que invadiu sua propriedade. Weston, então, ao apresentar desinteresse por Ransom, mostra também desinteresse pelos conhecidos do “parceiro” Devine, e por extensão, pela própria vida de Devine. Essa conduta ilustra como Weston não tem consideração para com seu companheiro, nem o considera um verdadeiro amigo. O mesmo gesto impaciente é retribuído por Devine, no capítulo seguinte. Quando Weston começa a lembrar a Devine que eles estão arriscando suas vidas por uma grande causa, Devine o interrompe, dizendo: “Pelo amor de Deus, não venha com tudo isso agora” (p. 21)⁴. Essa conduta recíproca entre Weston e Devine serve para mostrar como a dupla é

³ Tradução nossa. Original: “all the qualities which Ransom’s had so regrettably lacked”.

⁴ Tradução nossa. Original: “For the Lord’s sake don’t start all that stuff now”.

um partido disfuncional e desarmonico. E essa desarmonia entre ambos não se manifesta somente em interrupções impacientes. No capítulo 1, após a intromissão de Ransom na propriedade de Weston, este observa que “A gente deveria ter um cachorro neste lugar”, e Devine retruca: “Você quer dizer que a gente deveria ter um cachorro se você não tivesse insistido em usar o Tartar para um experimento” (p. 14)⁵. Um atrito se percebe aqui entre os dois. Em adição a esse atrito sugestivo, Devine explica a Ransom, no capítulo seguinte, sua relação com Weston, chamando-o não de amigo, mas de “um colega firme, decidido” (p. 19)⁶. Devine explica a Ransom que está investindo em alguns experimentos de Weston: “É tudo coisa honesta e direita – a marcha do progresso e o bem da humanidade e essas coisas, mas tem um lado industrial” (p. 19)⁷. Com essas palavras, fica fortemente sugerido que Devine é um homem de negócios, um empreendedor rico, e o único laço que efetivamente guarda com Weston é de ordem pecuniária. Weston tem por colega Devine pois este é o financiador de seus experimentos; Devine tem por colega Weston pois os experimentos deste podem expandir suas riquezas de capitalista industrial. “Colegas”, não amigos.

Percebe-se, então, que a “dupla” Weston-Devine é impulsionada por motivações aparentemente distintas e mesmo opostas. A motivação do cientista Weston pode ser entendida, em contraste com Devine, como “altruísta”, porquanto envolve a disposição a arriscar sua própria vida pelo futuro da humanidade, e não se mostrar interessado em dinheiro. O desígnio de Weston é expandir o leque de habitações possíveis para o homem, já que o universo se lhe afigura como um lugar perigoso, e o planeta Terra, um lugar perecível nesse inóspito universo. Weston faz-se, portanto, um serviçal “generoso” para com o futuro de sua espécie. Contudo, esse seu altruísmo está a serviço apenas de uma projeção futura: a humanidade no porvir. Weston não mostra nenhuma compaixão para com seus coetâneos, sejam eles humanos ou não; ao invés, ele exhibe uma conduta hostil para com todos os tipos de vida, de pequenos animais terráqueos, como cachorros, até as formas de vida extraterrestres. Como Devine apontou, num dos trechos acima, Weston usou um cachorro chamado Tartar para um experimento, certamente exigindo o sacrifício da vida do animal. Weston é, então, um vilão um tanto paradoxal, fazendo-se

⁵ Tradução nossa. Original: “We ought to have a dog in this place”; “You mean we should have a dog if you hadn’t insisted on using Tartar for an experiment”.

⁶ Tradução nossa. Original: “strong colleague”.

⁷ Tradução nossa. Original: “It’s all straight stuff – the march of progress and the good of humanity and all that, but it has an industrial side”.

um servo do futuro e do assim chamado “progresso”, disposto a sacrificar sua própria vida por tal causa. Devine, por seu turno, pode ser lido com um perfeito egoísta, valendo-se do discurso vago do “progresso” para justificar sua empreitada no campo potencialmente lucrativo e promissor das viagens espaciais. Contudo, cabe a pergunta: Devine acredita mesmo nesse discurso de progresso e futuro da humanidade? Ele parece realmente ser ingênuo o bastante para acreditar no discurso de progresso; entretanto, parece também que ele poderia ser malicioso o bastante para apenas utilizá-lo como uma justificativa conveniente para suas ambições econômicas. Feitas essas considerações, percebe-se a dubiedade e complexidade dessa “dupla”, a um só tempo unida e fraturada.

Ora, se Weston e Devine, os “vilões”, são efetivamente bem-intencionados, como se expôs acima (as intenções de Devine sendo um tanto dúbias), o que os tornaria, então, “maus”? A narrativa sugere que a maldade pode advir de boas intenções, tendo, contudo, uma base filosófica má. O que torna a dupla Weston- Devine maligna parece ser, ao invés de suas intenções, a sua concepção de tempo. A concepção de tempo para os dois personagens não é meramente a de um tempo linear, mas também a de um tempo sem fim. Fica implícito que, para eles, não haverá um “dia do Juízo Final”, como na concepção de tempo cristã do protagonista Ransom. Grosso modo, a concepção cristã entende a história como algo finito que, uma vez acabado, dará lugar a um eterno presente, após o chamado Juízo Final. Octavio Paz, no capítulo “A revolta do futuro”, de seu livro *Os filhos do barro*, descreve a concepção de tempo cristã, contrastando-a com a de tempo moderno:

(...) Na sociedade cristã, o porvir estava condenado à morte: o triunfo do eterno presente, após o dia do Juízo Final, era, igualmente, o fim do futuro. A modernidade inverte os termos: se o homem é história e só na história se realiza; se a história é tempo lançado ao futuro e o futuro é o lugar de eleição da perfeição; se a perfeição é relativa com relação ao porvir e absoluta frente ao passado... pois então o futuro se converte no centro da tríade temporal: é o ímã do presente e a pedra de toque do passado. Semelhante ao presente fixo do cristianismo, nosso futuro é eterno. (PAZ, 1990, p. 54)⁸.

⁸ Tradução nossa. Original: “(...) En la sociedad cristiana el porvenir estaba condenado a muerte: el triunfo del eterno presente, al otro día del Juicio Final, era asimismo el fin del futuro. La modernidad invierte los términos: si el hombre es historia y sólo en la historia se realiza; si la historia es tiempo lanzado hacia el futuro y el futuro es el lugar de elección de la perfección; si la perfección es relativa con relación al porvenir y absoluta frente al pasado... pues entonces el futuro se convierte en el centro de la tríada temporal: es el ímã del presente y la piedra de toque del pasado. Semejante al presente fijo del cristianismo, nuestro futuro es eterno”.

Com esse contraste, fica claro que o tempo do cristianismo é bastante diferente do tempo moderno, abraçado por Weston e (dubiamente) por Devine. É essa concepção de tempo moderno que impulsiona o plano de massacrar os marcianos, a fim de usar seu planeta como um futuro *locus* para a vida humana. O futuro, na concepção moderna de tempo, é mais importante que o presente. Daí, para os bem-intencionados vilões, valeria a pena sacrificar inúmeras vidas presentes por esse futuro, à guisa de salvar a espécie humana.

A visão de mundo e tempo de Weston e Devine também se baseia em postulados darwinianos. A teoria da evolução postula que todas as formas de vida evoluídas já tiveram um ancestral comum. Essa teoria sugere uma linha do tempo cósmica de milhões ou bilhões de anos, possibilitando os profundos contrastes entre as diversas espécies existentes. Essa longa linha do tempo, comparada à linha do tempo cósmica do cristianismo, que atribui uns dez mil anos de história ao universo, sugere, por sua própria extensão alongada, uma história linear cuja linha reta não tem fim.

Convém também diferir a visão de tempo cristã da dos antigos. Os antigos, como Octavio Paz descreve no capítulo “A tradição da ruptura” de *Os filhos do barro*, concebiam o tempo não como linear como os cristãos, mas como circular. A própria revolução dos corpos celestes nos céus era um sinal de que a realidade negava a história e era circular. Os antigos tinham como tempo arquetípico um passado fixo, para além da história, um passado sempre presente. Esse passado absoluto nega a história. Pode-se ilustrar a exposição de Paz com as tragédias gregas, que exemplificam bem essa concepção antiga do tempo, ao colocarem em cena personagens consagradas dos mitos gregos, como Hércules, Jasão, Odisseu etc., sugerindo a abolição da história e o triunfo de um eterno passado, sempre presente.

Timothy J. Demy sublinha a concepção de tempo cristã de C. S. Lewis, contrastando-a com a concepção de tempo dos antigos.

O conceito do progresso e o da natureza da condição humana foram integralmente relacionados no pensamento de Lewis. A perspectiva teológica de Lewis forneceu fronteiras para o potencial humano e para o curso da história humana. Quando ele olhava para a história humana, ele o fazia a partir de uma historiografia linear, ao invés de uma historiografia que fosse cíclica ou retrospectiva de uma idade de ouro. Ele acreditava

que a história estava se movendo rumo a um final climático (DEMY, 2013, p. T:44)⁹.

O fenômeno da maldade na *Trilogia*, então, pode ser associado a uma concepção de tempo diferente da cristã, incitando homens como Weston e (dubiamente) Devine a projetar a colonização de outros planetas, amparados na concepção de tempo moderno (no qual o futuro é eterno e o componente mais importante da tríade temporal) e na concepção biológica darwiniana, na qual os seres biológicos são regidos por um impulso natural de luta pela vida, suspostamente justificador de barbárie e violência.

Há ainda, contudo, outra interpretação plausível ao se considerar o tema da maldade na *Trilogia*; até aqui, foi exposto que a maldade está para além de uma simples oposição representável por um esquema do tipo “bem vs. mal”, que ela independe de uma intencionalidade má por parte das personagens (ela pode se nutrir de intenções aparentemente boas, como a de garantir o futuro da vida humana); que ela é associável à visão de tempo “moderna”, contrastante à visão de tempo “cristã”; e que ela tem elo com postulados darwinianos.

O elo entre a maldade e a concepção de tempo moderna não parece ser o mais fértil e plausível para descrever o fenômeno da maldade na *Trilogia*: porquanto a visão teológica de Lewis entende, ainda, a maldade como inerente a todos os seres humanos, independentemente de suas concepções de tempo. Em sua visão de mundo cristã, a maldade não envolve somente os infiéis, aqueles possuidores de outras visões de mundo ou de tempo, mas, em verdade, toda a humanidade. O mito da Queda, no capítulo 3 de *Gênesis*, conta a famosa história do pecado original, cuja consequência mais imediata é a expulsão de Adão e Eva do jardim do Éden. A progênie dos dois fica, doravante, degenerada. E tal progênie decaída é logo ilustrada no capítulo subsequente (cap. 4), no qual Caim assassina seu irmão Abel.

Pode-se mostrar que a ficção espacial de Lewis concebe a maldade como uma propriedade de toda a progênie de Adão e Eva, isto é, de todos os seres humanos, e não somente de modernos astronautas (Weston e Devine) ou de cientistas da INEC impulsionados por uma concepção de tempo moderna e postulados darwinianos. No

⁹ Tradução nossa. Original: “The concept of progress and the nature of the human condition were integrally related in Lewis’s thought. Lewis’s theological perspective provided boundaries for human potential and for the course of human history. When he looked at human history he did so from a linear historiography rather than one that was cyclical or retrospective of a golden age. He believed that history was moving toward a climatic end (...)”.

capítulo 7 de *Uma Força Medonha*, o terceiro livro da *Trilogia*, Ransom diz a Jane, um tanto de passagem, que “... somos decaídos” (LEWIS, 1996 [1945], p. 45)¹⁰. No capítulo 13, Ransom diz ao mago Merlin que há uma força medonha envolvendo toda a Terra e que o mundo inteiro está corrompido. Essa força medonha parece ser a mesma incitando Mark, marido de Jane, a trabalhar para a INEC e a aceitar seu ofício de escrever textos para manipular a opinião pública. Portanto, a maldade – como fica claro sobremaneira no terceiro livro da *Trilogia*, cujo espaço narrativo é a Terra –, advém da própria humanidade, e não simplesmente da visão de tempo moderna presente nas personagens Weston e Devine em *Além do Planeta Silencioso*.

Menos significativa mostra-se, também, a possessão diabólica sofrida por Weston em *Perelandra*. Nesse segundo livro da *Trilogia*, Weston, o cientista do livro anterior, torna-se uma marionete de forças diabólicas. Possesso no planeta Vênus, tenta manchar a pureza da Dama Verde, a rainha do mundo, buscando corrompê-la através de tentações, incitando-a a abandonar as ilhas flutuantes onde vive. Ransom, por sua vez, tem a tarefa de impedir que a Dama Verde caia nas tentações de Weston. Por fim, Weston é sobrepujado por Ransom. A maldade do cientista possuído, chamado eventualmente de “Não-Homem”, é refletida em seus hábitos incomuns, como o de não dormir. Como se diz em latim, *non dormit diabolus* – o diabo não dorme. A maldade do cientista também se manifesta em suas tentativas de corromper a jovem e inocente Dama Verde, como a serpente em *Gênesis*. Remetendo ainda a narrativas bíblicas, Weston anda vestido, ao passo que a Dama Verde anda nua, como Eva antes da Queda. É verdade que o Weston posseso consegue episodicamente fazer a Dama Verde vestir roupas, mas sua façanha não perdura, e, em seguida, vem a derrota do vilão. O problema da maldade, tendo em vista o segundo livro, é que ela se manifesta de um modo muito peculiar, e não recorrente nos outros livros.

Percebe-se, assim, que a maldade não se apresenta de um só modo ou que ela assume apenas “uma natureza” ao longo da *Trilogia*. Ela é associável a uma concepção temporal (primeiro livro), e também à Queda de toda a humanidade (terceiro livro); e ela pode mesmo manifestar-se numa possessão demoníaca (segundo livro). Além do mais, ela apresenta outro traço notável não explicitado suficientemente até aqui. Esse traço percorre toda a *Trilogia*. Trata-se da violência física, especialmente com animais. Gerald

¹⁰ Tradução nossa. Original: “...we are fallen”.

Root, em seu texto “C. S. Lewis como um Defensor dos Animais”, escreve o seguinte, acerca dos animais na obra ficcional de Lewis:

Os animais não são *per se* centrais para as histórias, embora tenham um grande papel na conclusão da trilogia [espacial] e tragam justiça e julgamento ao mundo. Não obstante, seu papel primário é de fundo, embora o ponto seja apontado constantemente (e consistentemente) que aqueles que são bons nesses livros têm um amor pelos animais e sempre dão espaço a eles. A mansão, onde se mantém Ransom [em *Uma Força Medonha*], é um alojamento de animais. E eles são tratados com gentileza e compõem a vida caseira daquele mundo. Em contraste, os personagens maus, com seus desígnios nefários, que compõem a INEC (Instituto Nacional de Experimentos Coordenados) são todos vivisseccionistas. Embora não seja declarado explicitamente, Lewis faz uma clara ligação nesses livros entre personagens maus e o maltrato de animais. De fato, possivelmente o personagem mais maligno de todos, Weston, cuja maldade faz Lewis simplesmente chamá-lo de “o não-homem” [quando sob posse diabólica, em *Perelandra*], é um vivisseccionista. A perda de sua humanidade é vista em seu desprezo com os animais. A ligação é também vista em outras personagens maus na ficção de Lewis. Tio Andrew, em “O Sobrinho do Mago”, faz experimentos em cobaias e eventualmente faz experimentos nas crianças Polly e Digory. O mago, no poema narrativo *Dymer* de Lewis, atira uma cotovia e, então, em tempo, aponta sua arma para Dymer. Jadis, Rainha de Charn, que se torna a Bruxa Branca de Nárnia, é identificada por sua crueldade característica com animais. Em tudo isso Lewis está fazendo argumentos retóricos em nome dos animais. É uma marca de maldade maltratar animais; é um sinal de bondade tratá-los bem. Uma pessoa justa assume responsabilidade pelos animais. (...) (ROOT, pp. 7-8)¹¹.

Com efeito, vê-se os vilões das histórias de Lewis maltratarem animais, sejam eles deste mundo ou de outro. Weston havia usado o cachorro Tartar para um experimento, no início de *Além do Planeta Silencioso*; no capítulo 9 de *Perelandra*, o não-homem Weston

¹¹ Tradução nossa. Original: “The animals are not central to the stories *per se*, though they do play a major role in the conclusion of the Trilogy and bring about justice and judgement to that world. Nevertheless, their primary role is one of background, yet the point is constantly (and consistently) made that those who are good in these books have a love for animals and always make room for them. The Manor, where Ransom, the hero of the science fiction books, holds sway, is a menagerie of animals. And they are treated with kindness and make up the hominess of the world. By contrast, the evil characters with their nefarious designs that make up the N.I.C.E (the National Institute of Coordinated Experiments) are evil vivisectionists. While it is not explicitly stated, Lewis makes a clear link in these books between evil characters and the ill-treatment of animals. In fact, perhaps the most evil character in all his fiction, Weston, whose evil reduces Lewis simply to call him “the unman” is a vivisectionist. The loss of his humanity is seen in his disregard of the animals. This linkage is also seen in other evil characters in Lewis’s fiction. Evil Uncle Andrew, in *The Magician’s Nephew*, performs experiments on Guinea Pigs and eventually performs experiments on the children Polly and Digory. The Magician, in Lewis’s narrative poem *Dymer*, shoots a lark and then, in time, turns his gun on Dymer. Jadis Queen of Charn, who becomes the White Witch of Narnia, is identified by her characteristic cruelty to animals. In all this Lewis is making rhetorical points on behalf of the animals. It is a mark of evil to treat animals poorly; it is a sign of goodness to treat them well. A just person assumes responsibility for the animals...”.

havia maltratado uma criatura parecida com um sapo (LEWIS, 2003b [1943], p. 93); no capítulo 2 de *Uma Força Medonha*, ao dirigir negligentemente seu carro, Devine, renomeado Lorde Feverstone, atropela uma galinha; a própria INEC confina animais de vários tipos, e até rapta o sr. Bultitude, o urso residente da mansão de Ransom. Ao passo que Ransom, por exemplo, mata, unicamente por piedade, e com peso no coração, o animal ferido pelo não-homem, em *Perelandra*, para que o animal não mais sofresse.

Pode-se ainda retomar o exemplo de tio Andrew, em *The Magician's Nephew* ou *O Sobrinho do Mago*, ilustrando-o com a seguinte passagem: “Tio Andrew ficou tremendo e balançando de cá para lá. Ele nunca tinha gostado de animais no melhor dos tempos, tendo geralmente certo medo deles; e, é claro que anos fazendo experimentos cruéis em animais aumentou ainda mais seu ódio e medo por eles¹²” (LEWIS, 2001 [1955], p. 76). A seguinte passagem, do mesmo livro, também é significativa. Nela, o narrador sublinha a inocência dos animais, marcada por seu desconhecimento em relação a qualquer tipo de vestimenta:

Talvez você pense que os animais foram muito bobos para não ver logo que Tio Andrew era o mesmo tipo de criatura das duas crianças e do Cocheiro. Mas você deve lembrar que os animais não sabiam nada a respeito de roupas. Eles pensaram que o vestido de Polly e os trajes de Digory e o chapéu coco do Cocheiro faziam parte deles tanto quanto suas próprias peles e penas. (...) Então era mais que natural que eles ficassem confusos.¹³ (p. 77).

O trecho acima remete discretamente ao mito da Queda em *Gênesis*. Por que os animais são defendidos pelo narrador? Eles não são bobos, apenas são inocentes; vivem nus, porque não passaram por nenhuma Queda como os humanos. Apenas os seres humanos passaram por uma Queda; e usar roupas é uma marca dos seres decaídos, degenerados, maus, os filhos de Adão e Eva, conforme o mito bíblico.

Do exposto até aqui nota-se que e a maldade tem, como uma de suas manifestações notáveis na *Trilogia* – e noutras obras de Lewis –, a violência física, especialmente com animais. Além de animais, Weston maltrata fisicamente humanos,

¹² Tradução nossa. Original: “Uncle Andrew stood trembling and swaying this way and that. He had never liked animals at the best of times, being usually rather afraid of them; and of course years of doing cruel experiments on animals had made him hate and fear them far more”.

¹³ Tradução nossa. Original: You may think the animals were very stupid not to see at once that Uncle Andrew was the same kind of creature as the two children and the Cabby. But you must remember that the animals knew nothing about clothes. They thought that Polly's frock and Digory's Norfolk suit and the Cabby's bowler hat were as much parts of them as their own fur and feathers ... So it was only natural that they should be puzzled

como Harry, seu jovem empregado, agarrando-o pelo colarinho, no capítulo 1 de *Além do planeta silencioso*, assim como sequestra Ransom para Marte, um tipo de violência física também. Em Marte, no mesmo livro, Weston usa armas de fogo para tentar se defender (assim como seu acólito Devine), além de intencionar dizimar eventualmente todos os marcianos, pondo em evidência sua hostilidade para com as mais diversas formas de vida.

Em adição, Ransom, personagem “boa”, leva uma dieta rotulável de “vegetariana” em suas viagens interplanetárias, embora a palavra “vegetariana” não seja usada. Ransom volta a comer carne, fica sugerido, apenas na Terra, durante os acontecimentos do terceiro livro da *Trilogia*. McPhee, no capítulo 12 de *Uma Força Medonha*, aponta a aparente contradição de Ransom acolher e cuidar do urso Bultitude, enquanto mantém porcos no chiqueiro, para o *bacon* das refeições, a que Ransom retruca apenas com uma risada, após Ivy Maggs indagar, humoristicamente, “quem é que já ouviu tentar fazer *bacon* a partir de urso?” (LEWIS, 1996 [1945], p. 259)¹⁴. Ransom, como ser humano, também é decaído, independentemente de ser cristão. A contradição em seu trato com animais, acolhendo alguns enquanto mata outros para sua alimentação, parece sugerir que Ransom é também um ser humano decaído e mau em certa medida.

O universo da *Trilogia Espacial* de C. S. Lewis apresenta a rica problemática da maldade a partir de uma concepção teológica cristã, maldade de modo algum redutível a um simples esquema de polos opostos; uma maldade multifacetada e complexa. A presente exposição sobre o tema da maldade na *Trilogia Espacial* poderia acabar por aqui, mas é possível elaborá-la mais. A leitura de outras obras de ficção científica, às quais se remeterá a seguir, contribui para enriquecer o entendimento do tema da maldade na *Trilogia*.

Até aqui, tratou-se do “cristianismo” como uma coisa só. Ocorre, no entanto, que o cristianismo pode assumir variadas formas. O cristianismo de Lewis é do tipo anglicano. Qual a significância disso? Ao se comparar o primeiro episódio da *Trilogia*, *Out of the silent planet*, com o romance *A Wrinkle in Time (Uma Dobra no Tempo)* de Madaleine L’Engle, fica sugerida a significância desse anglicanismo. Tomada também pelo *frisson* da *sci-fi* no século XX, a escritora estadunidense Madeleine L’Engle (1918-2007) legou vários romances se valendo do *leitmotif* da viagem espacial. Após uma longa temporada de ateísmo, como ocorreu com Lewis, L’Engle converteu-se ao cristianismo; só que, ao

¹⁴ Tradução nossa. Original: “Who ever heard of trying to make bacon out of a bear?”

contrário do anglicano Lewis, L'Engle se associou à Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Seu romance *A Wrinkle in Time* (1962) conta a aventura da garota Meg e seu irmão caçula Charles Wallace, numa viagem pelo espaço sideral para resgatar seu pai perdido num mundo distante. Os dois são acompanhados pelo garoto Calvin, e auxiliados por três estranhas “senhoras” com ar de feiticeiras e possuidoras de poderes extraordinários. A busca pelo pai perdido traz à tona uma longa batalha universal que tem sido travada entre a luz e a escuridão, o bem e o mal. Uma “Coisa Escura” tem se alastrado pelo universo e agora ameaça a Terra. Meg resgata o pai no planeta Camazotz, auxiliada por seu amigo Calvin. Depois, tem de voltar para resgatar o irmão caçula, Charles Wallace. Por fim, todos conseguem voltar para a Terra, auxiliados pelas três “senhoras” feiticeiras.

O tema da maldade figura entre os temas centrais tanto em *Além do planeta silencioso* do anglicano Lewis quanto em *Uma dobra no tempo* de L'Engle, autora associada à Igreja Episcopal. Entretanto, o mal não se afigura da mesma maneira nos dois romances, não tem a mesma abrangência, e ainda possui repercussões diferentes. Vale a pergunta: terá tal discrepância algo a ver com a disparidade das visões teológicas? Aparentemente, sim.

No livro de Lewis, a maldade se manifesta de maneira mais consistente 1) ora nos próprios seres humanos, enquanto terráqueos, isto é, criação divina que passou por uma Queda, e agora irremediavelmente torta, diferente dos seres de outros planetas; 2) ora num conjunto de ideias, como a concepção de tempo moderna e as ideias darwinianas presentes em Weston (e, dubiamente, em Devine), usadas para justificar a carnificina dos marcianos, e também presente em muitos integrantes da organização conhecida como INEC. De maneira menos consistente, ela ainda se apresentaria através de uma oposição entre “o bem” – Ransom e os Logres – e “o mal” – Weston, Devine, INEC. Ainda há a maneira pela qual a maldade *não* se manifesta, contrariando as concepções fantasiosas de alienígenas difundidas por ficcionistas. Como formula Ransom, numa conversa com Oyarsa, no cap. 18 do primeiro livro da *Trilogia*, “Os contadores de histórias no nosso mundo nos fazem pensar que, se há vida para além de nossa atmosfera, ela é maligna” (LEWIS, 2003 [1938], p. 120)¹⁵.

No livro de L'Engle, por sua vez, a maldade parece se manifestar 1) ora numa “Coisa Escura”, espécie de massa negra que se espalha e se expande pelo cosmo; 2) ora

¹⁵ Tradução nossa. Original: “The tellers of tales in our world make us think that if there is any life beyond our own air it is evil”.

na conduta de personagens como “o homem dos olhos vermelhos” ou na personagem chamada “AQUELE” – um cérebro sem corpo capaz de controlar mentes; 3) ora no medo, que marca os habitantes do planeta Camazotz. “Não há nada a se temer além do próprio medo” (L’ENGLE, 2007 [1962], p. 109)¹⁶, diz Calvin, no capítulo 7, ecoando palavras de Franklin D. Roosevelt (1882-1945). Quanto a esse medo, a narrativa confirma a necessidade de vencê-lo para vencer o mal. Também no capítulo 7, Charles Wallace diz: “Temos que nos decidir, e não podemos nos decidir se nossas decisões estão baseadas em medo” (p. 109)¹⁷.

Quanto à abrangência da maldade, no livro de Lewis, ela parece estar contida somente no planeta Terra e nos seres humanos que passaram pela Queda, ao passo que planetas como Malacandra (Marte) estão livres dele. Num nível individual, porém, o mal parece variar, com o filólogo cristão Ransom mostrando-se muito menos maligno do que o cientista Weston e o capitalista Devine. O interesse comum de Weston e Devine, isto é, colonizar Marte, parece se contrapor às vontades individuais de Ransom (por exemplo, estar livre); e o conhecimento personalíssimo de ordem linguística de Ransom o ajuda a se adaptar ao ambiente marciano e fazer amigos alienígenas. Assim, o instinto de sobrevivência egoísta de Ransom se mostra, afinal, menos maligno que o objetivo altruísta de perpetuação da espécie de Weston, lembrando a sentença “A estrada para o inferno é feita de boas intenções” (p.16)¹⁸, proferida por Charles Wallace no primeiro capítulo do livro de L’Engle. Contudo, os constates entre as duas obras são grandes.

Em L’Engle, a maldade parece se alastrar por todo o cosmo, com diferenças em cada planeta. Alguns planetas estão dominados pela Coisa Escura, como parece ser o caso de Camazotz, enquanto outros estão momentaneamente livres, como Uriel, e ainda outros estão na iminência de estar totalmente envoltos por ele, como é o caso da Terra. Em L’Engle, a maldade é combatível e remediável, ao passo que em Lewis é irremediável; ela se manifesta no espaço sideral através de uma entidade peculiar, a “Coisa Escura”.

Quanto às consequências da maldade, ela também difere substancialmente nos dois livros. Viu-se que a maldade provinda da Queda, em Lewis, é irremediável, de modo que o planeta Terra, com os humanos, está para sempre torto (“*benl*”). A consequência parece ser o planeta torto, decaído, vir a influenciar os que ainda não estão decaídos, de

¹⁶ Tradução nossa. Original: “There is nothing to fear except fear itself”.

¹⁷ Tradução nossa. Original: “We have to make decisions, and we can’t make them if they’re based on fear”.

¹⁸ Original: “The road to hell is paved with good intentions”.

uma maneira ou de outra, tentando colonizá-los (como no primeiro episódio da *Trilogia*) ou tentando levá-los à sua própria Queda (como no segundo episódio da *Trilogia – Perelandra*). Em Lewis, o desequilíbrio da maldade, então, parece ser apenas progressivo ou, na melhor das circunstâncias, retardável, mas sua marcha é irreversível. Em L’Engle, a marcha da maldade tem consequências menos desastrosas, e pode não só ser retardada, mas minguada, afugentada e enxotada. O mal em L’Engle é como uma névoa errante, ora se espalhando mais, ora menos; ora ficando mais espessa, ora mais fina, flutuando de maneira ameaçadora, mas, não obstante, podendo ser combatida. Desse cotejo entre as duas obras, diferenças ficam evidentes. Fica sugerido que as diferenças devem estar vinculadas às visões teológicas contrastantes dos dois autores.

Deixando L’Engle de lado, pode-se tirar proveito também da leitura da obra de H. G. Wells, particularmente de seu romance *The War of the Worlds* (1898) para um melhor entendimento da maldade na *Trilogia* de Lewis. No primeiro *installement* ou episódio da *Trilogia, Além do Planeta Silencioso*, as referências a Wells não poderiam ser mais explícitas. Dois exemplos: 1) na nota inicial do romance, lê-se: “(...) O autor lamentará se algum leitor supuser que ele seja assaz bobo para ter apreciado as fantasias do sr. H. G. Wells, ou assaz ingrato para não reconhecer sua dívida para com elas” (LEWIS, 2003a [1938], p. 7)¹⁹; 2) no capítulo 8, o narrador descreve os *sorns*, uma das variedades de marcianos, com quem o protagonista Ransom havia se deparado:

Mas Ransom não estava pensando nos *sorns* – pois sem dúvida aqueles eram os *sorns*, aquelas criaturas para as quais eles [Weston e Divine] tentaram entregá-lo. Eles eram bastante diversos dos horrores que sua imaginação havia conjurado, e que por essa razão o pegaram de surpresa. Eles se afastavam das **fantasias wellsianas**, rumo a um complexo de medos mais primevo, quase infantil (...) (pp. 48-49, grifos nossos).

Como se vê, o segundo exemplo dado descreve os marcianos não como monstros cruéis, mas simplesmente como criaturas estranhas. Em Wells, os marcianos 1) inspiram medo e 2) são violentos.

Inspiram medo, é verdade (1), mas não um medo puro. Os primeiros contatos do narrador de *A Guerra dos Mundos* com o corpo cilíndrico que veio de Marte são marcados tanto por temor quanto por curiosidade. No capítulo 5 do primeiro livro, o narrador

¹⁹ Original: “(...) The author would be sorry if any reader supposed he was too stupid to have enjoyed Mr H. G. Wells’s fantasies or too ungrateful to acknowledge his debt to them”.

wellsiano formula, ante o misterioso marciano: “Eu era um campo de batalha de medo e curiosidade” (WELLS, 2017 [1898], p. 23²⁰).

Os marcianos são violentos, é verdade (2), o que não quer dizer, todavia, que os humanos não o sejam. O narrador em primeira pessoa de Wells, em seu romance, sublinha também a marca da violência nos seres humanos. Ele diz, já no primeiro capítulo:

“E antes que façamos julgamentos muito duros em relação a eles [os marcianos], devemos nos lembrar da cruel e total destruição que nossa própria espécie levou a cabo, não apenas no tocante a animais, (...) mas também no tocante a raças inferiores (...)” (p. 5)²¹.

No parágrafo precedente do mesmo capítulo, contudo, o narrador de Wells parece justificar, resignado, a carnificina, ecoando o postulado darwiniano de que a vida é uma luta incessante pela existência (p. 5)²². Sua justificativa para a violência dos marcianos também se estende ao longo dos primeiros capítulos. Portanto, tanto em Lewis quanto em Wells os seres humanos são violentos. A diferença fundamental é esta: em Lewis, os seres humanos agem de maneira torta porque passaram pelo episódio bíblico da Queda; em Wells, os seres humanos agem de maneira “naturalmente” violenta, segundo os impulsos naturais da luta pela vida, de acordo com a doutrina darwiniana. A fala do narrador acerca de “raças inferiores” remete também à visões racistas comuns no século XIX, ou seja, perpetra uma discriminação, presumidamente sobre os povos colonizados e escravizados, sobre os povos colonizadores. Nesse tocante, a visão de Lewis de que todos os seres humanos são decaídos iguala todos os seres humanos, mesmo que “naturalizando” e justificando teologicamente, a seu modo, o mal, como a violência.

4. Palavras finais

Significativamente, do ponto de vista intertextual, aspectos dos marcianos de Wells parecem ecoar na *Trilogia* de Lewis (intertextualidade implícita²³). No capítulo 2 do segundo livro de *Guerra dos Mundos*, o leitor é informado que os marcianos não dormem, traço que reaparece no Weston possuído, em *Perelandra*. O marciano de Wells não tem

²⁰ Original: “I was a battleground of fear and curiosity”.

²¹ Original: “And before we judge of them too harshly we must remember what ruthless and utter destruction our own species has wrought, not only upon animals ... but upon its inferior races”.

²² Original: “... life is an incessant struggle for existence”.

²³ Para várias tipologias de intertextualidade, consultar Koch (2007).

sistema digestivo, e se nutre de sangue de suas vítimas. Ora, é justamente isso que Weston e Devine pensam (erroneamente) dos marcianos em *Out of the Silent Planet*: Ransom informa a Oyarsa, no cap. 18, que “eles [Weston e Devine] acham que os *eldila* bebem sangue” (LEWIS, 2003 [1938], p. 120)²⁴. O marciano de Wells é cabeçudo, sua cabeça toma boa parte das dimensões de seu corpo. Ora, em *Uma Força Medonha*, um dos “cabeças”/líderes da INEC é uma personagem chamada “The Head”. Outrossim, o marciano de Wells não faz sexo. Ora, o personagem Filostrato em *Uma Força Medonha* gostaria que o sexo fosse abolido do âmbito humano (LEWIS, 1996 [1945], p. 170). Há uma ideia corrente nessas obras de que existe a possibilidade de alteração dos seres vivos em conformidade com a teoria da evolução de Darwin. Tanto em Lewis como em Wells existe algo de macabro nessas formas estranhas de vida, que inspiram medo e parecem ser, elas mesmas, uma materialização e uma manifestação da maldade.

Referências

DEMY, Timothy J. “A Necessary Evil”: CS Lewis and Government in a Technological Age. *Synesis: A Journal of Science, Technology, Ethics, and Policy*, 2013.

KOCH, Ingedora G Villaça. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

L’ENGLE, Madeleine. *A Wrinkle in Time*. Londres, Puffin Books, 2007

LEWIS. C. S. *That Hideous Strength*. Scribner: Nova York, 1996 [1945].

_____. The Magician’s Nephew. In: *The Chronicles of Narnia*. Ilustrações Pauline Baynes. Estados Unidos: HarperCollins, 2001.

_____. *Out of The Silent Planet*. Scribner: Nova York, 2003a [1938].

_____. *Perelandra*. Scribner: Nova York, 2003b [1943].

_____. *Além do Planeta Silencioso*. Trad. Waldea Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1938].

_____. *Perelandra*. Trad. Waldea Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1943].

_____. *Uma Força Medonha*. Trad. Waldea Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2012 [1945].

PAZ, Octavio. *Los hijos del limo. Del romanticismo a la vanguardia*. 3 ed. Barcelona: Seix Barral, 1990.

²⁴ Original: “they think the eldil drinks blood”.

ROOT, Gerald. C. S. *Lewis as an Advocate for Animals*. In: The Humane Society of the United States (s/d).

WELLS, H. G. *The War of the Worlds*. Grã-Bretanha: William Collins, 2017.

Recebido em: 06 de agosto de 2019

Aceito em: 10 de dezembro de 2019

Publicado em: dezembro de 2019